

A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO PATERNA NO PROCESSO DE AMADURECIMENTO EM WINNICOTT

THE IMPORTANCE OF THE PATERNA FUNCTION IN THE MATURATION PROCESS IN WINNICOTT

¹SILVA, P. S.; ²OLIVEIRA, F. S.

^{1e2}Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente artigo visa explicar a compreensão de Winnicott sobre a importância da presença paterna frente ao amadurecimento do indivíduo. Para tal, entende-se que o autor utiliza a mãe como centro de sua pesquisa, destacando essencialmente o papel que a mesma desempenha diante do desenvolvimento do bebê, porém abrindo espaço para que seja compreendida a importância e a complexidade que a figura paterna exerce diante de todo esse processo. Para que se tenha uma compreensão das diferentes particularidades que a figura paterna assumiu nos diversos contextos, será apresentada uma breve introdução a respeito da constituição da família nos seguintes períodos históricos: pré-moderno, moderno e contemporâneo. Por fim, ficou perceptível que todo o estudo que Winnicott trouxe sobre os diversos papéis que o pai ocupa dentro do processo de amadurecimento da criança só nos mostrou o quanto o mesmo necessita estar inserido nesta relação mãe-bebê, realizando a manutenção da saúde da criança, assim como de toda a sua família.

Palavras-chave: Winnicott. Teoria do Amadurecimento. Pai.

ABSTRACT

This paper aims to explain Winnicott understanding of the importance of the father's presence in relation to the maturation of the individual. For this, it is understood that the author uses the mother as the center of his research, emphasizing essentially the role that it plays in the development of the baby, but opening space for understanding the importance and complexity that the father figure exercises of this whole process. In order to have an understanding of the different particularities that the father figure has assumed in the various contexts, a brief introduction will be presented regarding the constitution of the family in the following historical periods: pre-modern, modern and contemporary. Finally, it was noticeable that all the study that Winnicott brought about the different roles that the father occupies within the process of maturing of the child only showed us how much it needs to be inserted in this relation mother-baby, carrying out the maintenance of the health of the child, as well as the whole family.

Keywords: Winnicott. Theory of Maturity. Father.

INTRODUÇÃO

Uma leitura superficial da obra winnicottiana nos passa a ideia de que apenas a presença da mãe e a relação dela com o sujeito basta para que o amadurecimento seja alcançado. Essa pesquisa teve como objetivo explicar a compreensão de Winnicott sobre a importância da presença paterna frente ao amadurecimento do indivíduo. Para tal, entende-se que o autor utiliza a mãe como centro de sua pesquisa, destacando essencialmente o papel que a mesma desempenha diante do desenvolvimento do bebê, porém abre espaço para que seja compreendida a importância e a complexidade que a figura paterna exerce diante de todo esse processo.

A fim de alcançar uma compreensão sobre a importância paterna junto do processo do amadurecimento do indivíduo foi realizado um levantamento bibliográfico, buscando passagens a respeito do tema. Para o levantamento de dados foram utilizadas fontes primárias como livros e artigos de revistas e de caráter científico e também fontes secundária, como teses, dissertações e monografias com o intuito de traçar fundamentos teóricos embasados na importância da presença do pai para o desenvolvimento da criança. A temática apresentada neste trabalho visa contribuir para profissionais e estudantes da área da psicologia que buscam se atualizar no assunto em questão.

DESENVOLVIMENTO

Compreendendo o pai da família medieval à família contemporânea

Para que se tenha uma compreensão das diferentes particularidades que a figura paterna assumiu nos diversos contextos históricos, será apresentada uma breve introdução a respeito da constituição da família nos seguintes períodos: pré-moderno, moderno e contemporâneo, para que se possa atingir o ponto de como a mesma é entendida de acordo com o pensamento winnicottiano, no qual destaca-se a importância da presença do pai para o desenvolvimento saudável do indivíduo.

Percebeu-se que séculos se passaram e com eles mudanças significativas na família vieram escrevendo a história atual. Pai, mãe, filhos, avós, a família sempre existiu, porém ao longo da história passou por diversas transformações que nos últimos séculos se tornaram mais marcantes. Nota-se que haverá transformações nas problemáticas e nos personagens, o qual será o ponto primordial desta primeira sessão.

A família Medieval (séc. XVI ao XVIII) também denominada de “extensa” pelos historiadores, levava esse nome, pois junto delas coabitavam num mesmo espaço várias gerações, como pais, filhos, avós. De acordo com Ariès (1978) apenas a linhagem era considerada caráter familiar, ou seja, aqueles que possuíam laços sanguíneos, não levando em consideração os laços de convívio e intimidade.

Para Gomes (1998) esta família não possuía função afetiva, tinha como prioridade a conservação dos bens, a prática em comum de um ofício e a ajuda mútua, já que a sociedade não permitia a sobrevivência isolada de homens e mulheres. Sendo assim, a mesma tinha uma realidade mais moral e social, contudo menos sentimental.

Tratando-se da questão matrimonial Gomes (1998, p. 29) dizia que “a escolha do casamento de um indivíduo já estava em grande parte determinada no dia do seu nascimento, com base nas relações familiares dos seus pais”. Isto é, a união se baseava nos interesses da família, desconsiderando os sentimentos dos indivíduos sujeitos a esta ligação. O casamento era combinado e negociado, não visto como uma união de amor, mas sim como um pacto entre duas famílias, sendo resultado de interesses políticos e econômicos em comum.

O autor indaga que neste período a duração da infância era reduzida, e as crianças eram vistas como insignificantes, sendo logo misturadas aos adultos, partilhando dos trabalhos e jogos (GOMES, 1998). De outro modo, eram consideradas nulas em termos de figura social e tratadas sem diferenciação com os adultos.

Para Wagner (2002) a família tinha o pai como figura central, no qual todos se organizavam em torno do mesmo. Ou seja, vivendo sobre o patriarcado, sendo esta a principal característica, onde o homem era figura de destaque; o pai ocupava o papel de poder absoluto, enquanto a mãe desempenhava a figura de reprodutora, apossando-se de um lugar completamente desprivilegiado e desqualificado, sendo submissa ao poder masculino.

Ariès e Chartier (1991, p. 407) apontam que as mulheres dessa sociedade além de serem confinadas ao lar “eram excluídas dos papéis públicos e das responsabilidades exteriores (políticas, administrativas, municipais, corporativas)”. Neste período o pai de família tinha o dever de administrar e proteger aqueles que viviam debaixo do seu teto, sendo assim, o guardião, o protetor e o mestre.

De acordo com estudos, ao se referir a família moderna (séc. XVIII ao XIX) pode perceber que a Revolução Francesa foi primordial para que a família pré-moderna, intitulada também por Medieval passasse por modificações em sua formação. Para Felippi e Itaquí (2015, p. 107) foi nesse momento que “legitimou-se a denominação de família nuclear”.

Entende-se que esta revolução fora um conjunto de episódios que alteraram completamente o quadro político e social do país entre os anos de 1789 e 1799. Com a Revolução Francesa o patriarcado passou a ser questionado, Roudinesco (2003, s/p) afirma que “a imagem do pai dominador cedeu lugar progressivamente à representação de uma paternidade ética. Ao mesmo tempo, assistiu-se ao nascimento de uma nova figura da paternidade”. Entende-se que o patriarcado tentou sair do seu impasse, assim como tentou restaurar indiretamente uma hierarquia homem-mulher.

Para Felippi e Itaqui (2015) neste momento, ano de 1789, foi aprovada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no qual deixa clara a tentativa de igualdade de direitos. Essa igualdade de direitos significava que não poderia mais ser estabelecida entre eles uma relação hierárquica como na família pré-moderna. Os autores supracitados relatam que “os questionamentos com relação ao poder patriarcal abrem espaço para que as mulheres comecem sua própria revolução” (FELIPPI; ITAQUI, 2015, p. 108).

Neste período a criança é colocada na posição de majestade, a criança investida, saudável e bem educada é a criança que irá representar o futuro. Conforme Felippi e Itaqui (2015, p. 109) “a criança passa a ser a representação do futuro, toda a organização familiar se dará em torno do bebê, uma nação rica é aquela que investe e educa a criança”. Sendo assim, a figura materna será conferida a realizar esta mediação da instituição família, instituição escola e instituição médica, isto é, caberá a essa mãe a gestão da qualidade de vida do seu filho.

Nesta terceira e última fase, a família dita contemporânea ou pós-moderna se dá início na passagem do século XIX para o século XX, qual foi marcada pelo estabelecimento de novos comportamentos e transformações sociais e econômicas, influenciando a forma de viver, pensar e se relacionar entre homens e mulheres (PRIORE, 2006).

Conforme a Legislação Brasileira, em 1943 a mulher casada conquista o direito de trabalhar fora da casa sem necessitar da permissão do marido (SANTOS; SANTOS, 2009). Este período é marcado pela saída da mulher do meio doméstico (privado) e entrada para o mercado de trabalho (público), ela passa a ter desejo de estudar, trabalhar, e sai de sua casa para disputar o espaço público com os homens.

Ao abordar a questão do matrimônio, de acordo com Roudinesco (2003, s/p) neste período o casamento “longe de ser um pacto da família indissolúvel e garantido pela presença divina, ele se torna um contrato livremente consentido entre um homem e uma mulher. Repousando no amor, dura apenas enquanto durar o amor”. Em suma, passou-se a reorganizar o campo da família contemporânea, sendo assim, toda a família se reestruturou, trazendo novos problemas e novos personagens que não estavam presentes na família moderna.

Cúnico e Arpini (2013) salientam que a experiência dos homens em relação ao ser pai é sentida e vivenciada de uma forma pessoal, isto é, não havendo um manual único de como exercer tal papel. Souza (2014) complementa ao esclarecer que

homens e mulheres, respectivamente pais e mães passam na atualidade a dividir suas tarefas, sendo que não há mais tarefas impostas a cada membro como nos períodos anteriores, mas sim repartem as suas funções, sejam elas domésticas, financeiras ou educativas. Diante disso, percebe-se uma grande transformação no que tange o papel do pai.

Winnicott e a teoria do amadurecimento pessoal

Entende-se que Winnicott centra os seus estudos na figura da mãe, destacando essencialmente o papel que a mesma desempenha no desenvolvimento do bebê. Mas e o pai? Onde entra? A teoria winnicottiana nos dá uma abertura para que possa compreender a complexidade de um pai que entra na vida da criança até antes do nascimento dela, e que não se resumirá somente a isso, perpassando por diversos momentos. Com isso, para que haja uma compreensão a respeito, é necessário apontar a maneira com que o Winnicott concebe a constituição do indivíduo.

Para ele diante de toda a sua trajetória, pôde-se deixar bem explícito que o bebê tem uma tendência inata para o desenvolvimento e integração de ego, assim sendo, necessita de um ambiente facilitador, e inicialmente esse ambiente é a mãe – ou alguém que exerça a função materna – que precisa estar apoiada especialmente pelo pai para ajudá-lo a reconstruir uma condição ambiental semelhante à situação intrauterina. Esse ambiente representado pela mãe num primeiro momento é extremamente importante para a fundação psíquica do sujeito, ele trará o diferencial para o desenvolvimento do sujeito – humanizando-o, colocando a linguagem, o afeto, o cuidado e dando condições para que desenvolva capacidades, dentre elas a constituição subjetiva, e para que isso aconteça é necessário que as condições ambientais sejam adequadas, afim de que o processo seja facilitado.

O processo que resulta no amadurecimento do indivíduo não é linear, sendo que algumas tarefas só podem ser concretizadas desde que a anterior tenha sido realizada com sucesso. De acordo com essa ideia, se o processo do amadurecimento for paralisado, um distúrbio emocional poderá ser estabelecido.

Para Neme *et al.* (2012), o vínculo do bebê com sua mãe nos primeiros anos de vida é considerado na abordagem psicanalítica, como a relação fundamental para o desenvolvimento e construção das estruturas afetivas da criança. Segundo Arruda, Sei e Souza (2010), esta relação inicial é um dos primeiros modelos de vinculação da

criança com o mundo externo, e complicações nesta díade poderão ter diferentes formas de manifestações.

A linha teórica de Winnicott fornece o entendimento de três fases significativas que compõem o processo de amadurecimento do indivíduo, no qual se percebe o progresso dessa relação mãe-bebê, são elas: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência.

Para Galván (2007) num primeiro momento, a dependência do bebê com relação ao ambiente é absoluta, do ponto de vista do bebê não há dois, ele e o ambiente formam uma só unidade. Nesta fase o bebê é completamente dependente dos cuidados maternos, ou seja, necessita de uma mãe ambiente que esteja identificada com ele, a fim de ser capaz de atender de imediato as suas necessidades. De início o bebê não se dá conta de suas dependências e não tem a menor ideia de que os cuidados estão vindo de fora, vive uma ilusão de unidade fusional com o seu cuidador, acreditando que ambos são extensões. O bebê não tem consciência do quanto ele depende de sua mãe, portanto quanto mais sua mãe suprir suas necessidades, mais ele irá se desenvolver.

A respeito da dependência relativa, Winnicott (1983, p. 46) ressalta que o “lactente pode se dar conta da necessidade do cuidado materno, e pode de modo crescente relacioná-los ao impulso pessoal”. Sendo assim, compreende-se que nessa etapa o bebê começa a se diferenciar de sua mãe, tendo uma consciência de dependência para com ela.

A fase chamada “rumo à independência”, conhecida também por “autonomia” é o estágio no qual o bebê irá desenvolver meios para suprir os cuidados maternos. Winnicott (1983, p. 46) complementa que “isto é conseguido através do acúmulo de recordações do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado com o desenvolvimento da confiança do meio”. Para Monteiro (2003, p. 32) “é mister dizer que a independência nunca é absoluta, pois na saúde o indivíduo não se encontra isolado, mas sim em uma relação de interdependência com o ambiente”.

Para que haja um desenvolvimento psique-soma saudável é essencial que se tenha um ambiente adequado que se adapte as necessidades do bebê. Winnicott (1975), Valler (1990) e Coutinho (1997) mencionados por Monteiro (2003) dizem que nos primeiros meses da vida do bebê, a “mãe suficientemente boa” tem três funções

essenciais, assim sintetizadas por Winnicott: *holding* (sustentação), *handling* (manejo) e apresentação dos objetos.

De uma forma breve, o *holding* é designado como a forma a qual o bebê é sustentado no colo pela mãe, caracterizado por uma vivência física e simbólica, significando a segurança de como ele é amado e desejado como filho (MONTEIRO, 2003). Diante disso, gera uma organização das relações, assim como suas primeiras experiências, a mãe o protege dos perigos físicos, através de seus cuidados cotidianos, o sustentando fisicamente e psiquicamente, fazendo com que essa sustentação de suporte para que posteriormente o bebê se desenvolva e construa seu verdadeiro *self*.

Já o *handling* se refere ao manejo, que segundo Coutinho (1997) é a função na qual a mãe manipula seu bebê enquanto cuida e trata do mesmo. É uma função que harmoniza a vida psíquica com o corpo, na qual estabelece uma parceria psicossomática. Se esses cuidados, como o segurar e manipular forem realizados de forma correta, irá facilitar a maturação do mesmo, porém se houver falhas esse processo irá se interromper. Entende-se que nesta fase o bebê passa a ter contato com partes de seu corpo, começando a se diferenciar de sua mãe.

A apresentação dos objetos é o momento em que “a mãe começa a ser substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão adequados ao seu atual estado de desenvolvimento” (COUTINHO, 1997, p. 103). Nesta função, o primeiro objeto a ser apresentado ao bebê é o seio da mãe, no momento em que a mãe oferece algo que ele estava esperando.

A concretização dessas três funções resulta no conceito proposto por Winnicott de “mãe suficientemente boa”. Winnicott (1987e) denominou ‘mãe suficientemente boa’ aquela que além de ser capaz de adaptar-se de forma absoluta ao filho, também está apta para desadaptar e falhar no momento apropriado. Trata-se de uma mãe que não necessita ser perfeita, mas sim, alguém que não pode ser insuficiente, sendo que a função materna tem uma colocação de escudo protetor para manter o bebê num certo equilíbrio, para que ele possa se organizar dia após dia. Com base nas citações, percebe-se a extrema importância do estudo dos princípios de Winnicott para que haja uma compreensão de como ocorre o processo de integração no sujeito dentro do processo do amadurecimento e quais as possíveis consequências caso venha a falhar.

As fases do processo de amadurecimento pessoal e a presença do pai

Uma leitura inicial e superficial da obra winnicottiana pode passar a noção equivocada de uma desvalorização da função paterna no desenvolvimento infantil. A mãe vista como centro em sua teoria esconde em suas entrelinhas um pai de suma importância como suporte para a mãe e para o bebê.

Com isso, entende-se que Winnicott centra os seus estudos na figura da mãe, destacando essencialmente o papel que a mesma desempenha no desenvolvimento do bebê. Mas e o pai? Onde entra? Winnicott dá uma abertura para que possa compreender a complexidade de um pai que entra na vida da criança até antes do nascimento dela, e que não se resumirá somente a isso, perpassando por diversos momentos. Para ressaltar a importância da figura paterna na “teoria do amadurecimento do indivíduo”, será destacado a teoria tal qual circunda os estágios de dependências do bebê, desde o período de dependência absoluta, passando pela dependência relativa, pelo estágio do concernimento até estágio edípico.

A presença do pai no estágio de dependência absoluta, mesmo que indiretamente, é considerada de extrema importância. De acordo com Rosa (2011, p. 3) “o sentimento de estar protegida e amparada, depende em grande parte, do que o pai é capaz de fornecer”. Isto é, um dos aspectos da função paterna neste momento é garantir que a mãe possa viver esse período inicial sem grandes perigos ou ameaças, entende-se que esta mãe está frágil e com isso a figura do pai adentra nesse processo para preparar e proteger todo o entorno dela. Entende-se que nesse período o pai irá contribuir para que a mãe seja ‘suficientemente boa’. Neste período a mãe contém a criança, e o pai contém a situação total ao proteger e sustentar essa regressão da mãe. Nesta fase o pai participa dessa relação assumindo dois papéis fundamentais: o de mãe substituta e o de sustentação da dupla mãe-bebê, fazendo com que os problemas do mundo externo não perturbem a tarefa principal da mãe, que é de se dedicar inteiramente ao filho.

Para Rosa (2009) no que diz respeito ao papel de mãe substituta o pai deve permanecer, tal como a mãe, objeto subjetivo, e para que essa função seja exercida é essencial que o seu lado maternal seja efetivado. No entanto, ficará como atribuição do pai evitar as preocupações que essa mãe precisa ter, atuando de forma indireta, porém com sua presença decisiva permitindo a mãe exercer essa maternidade. Ao abordar o segundo papel exercido pelo pai de “sustentar a díade mãe-bebê”, refere-

se a ele ser o principal cuidador de ambos, isto é, dar a sustentação à mãe, protegendo-a das interferências externas de modo a que ela possa entregar-se a preocupação materna primária (ROSA, 2009). Ambos os papéis apresentados do pai continuarão propagando durante as demais fases do período seguinte, na dependência relativa.

Ao decorrer do período da dependência relativa, pertencerão ao pai diversas tarefas, além de conservar o papel de mãe substituta e manter o ambiente de *holding* para a esposa. Rosa (2011) destaca que o pai terá uma grande contribuição neste episódio, pois ajudará a mãe a realizar a separação de seu bebê, em outras palavras, a ajudará a sair do estado de preocupação materna primária.

Percebe-se a importância do pai neste momento, ao fazer com a que a mãe volte a se preocupar consigo mesma, lembrando que isso se restringiu nos primeiros meses do bebê, no qual a preocupação era toda voltada ao filho. Entende-se ainda que a presença do pai oferece sentido de amparo, através da qualidade de sua presença no ambiente, e isto permite com que seja implantado o sentido de família no bebê. Segundo Battagliese (2011, p. 13) “nessa etapa, a ideia é que ele participe mais ativamente das atividades cotidianas do filho, segurando-o mais e exercendo mais vezes as atividades que num primeiro momento eram mais delegadas à mãe (tais como dar banho, ninar entre outras)”.

Neste estágio o bebê começa a perceber esse pai como uma figura externa, inteira e integrada, é algo inteiro fora dele. Entretanto, sendo o pai a referência de integração para o filho, o bebê passará a introduzi-lo em sua vida e a transferir uma série de qualidades da mãe para o pai, como se ele fosse um pedaço da mãe com características próprias. Percebe-se que nessa fase o bebê já tem uma noção da externalidade do objeto, e por mais que ainda não o perceba como objeto total, já assimila algumas de suas características, fazendo algumas distinções da mãe para o pai.

O “não” que no início era dirigido pela mãe apenas para as interferências externas no período de preocupação materna primária, nesta fase passa a ser proferido ao bebê, na qual visa protegê-lo e reorganizar sua vida (ROSA, 2009). Rosa (2009, p. 36) ainda salienta que “a aparição desse segundo ‘não’ é um dos primeiros sinais paternos na vida da criança”. Isto é, o pai colabora com o “não” como contenção ao narcisismo primário, que até então estava sendo dado pela mãe. Num primeiro momento o “não” passa a ser dito pela mãe ao seu mundo externo, no qual busca

proteger o bebê, em seguida o “não” é dito ao bebê, com a ajuda do pai, para que a mãe consiga sair do estado de preocupação materna primária, e por fim este “não” passa a fazer parte da moral do próprio bebê.

No estágio do concernimento a integração do ego já alcançou um lugar em que o indivíduo percebe a personalidade da figura materna, e tem como consequência o sentimento do concernimento quanto aos resultados de suas experiências instintivas, tanto físicas quanto ideativas (WINNICOTT, 2000). Sendo importante ressaltar que a criança já tomou posse e consciência de quem ela é, de suas características e de suas marcas de pertença do “eu sou”, isto é, já alcançou um pouco mais o estatuto de unidade, estando mais apta para entender esta tarefa de se integrar.

Dessa forma, o pai entra neste estágio na vida da criança como um terceiro elemento, diferenciando-se da mãe e da própria criança. De acordo com Rosa (2009) é a partir desse momento que se tem início a fase exibicionista para Winnicott, e conhecida por fase fálica por Freud, sendo o período em que a criança passa a diferenciar os sexos, e ao notar essas diferenças acaba por discriminar o pai da mãe.

De acordo com Battagliese (2011) será um estágio de descobertas para a criança, pois passará a ter um sentimento consideravelmente novo, de amor e ódio por um mesmo objeto, sendo que esses sentimentos não irão destruir o objeto, e nem o fazer ser outra pessoa. Isto é, haverá uma capacidade de integrar esta ambivalência, ou seja, “amar e odiar” ao mesmo tempo, e que para ser integrado necessita ser vivenciado. A figura paterna será capaz de suportar, quando o filho perceber essa estrutura íntegra de que há um “pai inteiro para fora dele”, passará a precisar relacionar-se com esse outro, e o pai passará então a proteger a mãe cada vez mais claramente, dando tempo à estruturação do sentimento de se sentir culpado, e ao mesmo tempo de tentar reparar tal sentimento. Conforme Rosa (2011) essa proteção que o pai irá oferecer neste estágio será de colocar limites, permitindo a criança vivenciar seus impulsos, possuindo a oportunidade de discerni-los e controlá-los. De acordo com o amadurecimento alcançado até este estágio, o bebê necessitará de um apoio para conseguir dar conta de toda a situação vivenciada, para tal a importância do pai.

Ao abordar o pai no estágio edípico o autor traz uma nova apresentação do complexo de Édipo, dizendo que o mesmo acontece a partir das relações que a criança tem com o ambiente a sua volta. De acordo com Fulgencio (2007) a problemática central do complexo de Édipo foi formulada inicialmente por Freud, para

poder examinar o papel do pai nessa etapa, sendo esta uma grande contribuição freudiana para a psicanálise. Ressalto que o conceito não terá a mesma atribuição para ambos os pensadores.

Rosa (2009) ressalta que a partir desse período a criança já se encontra um pouco mais amadurecida, e com isso passa a perceber a diversidade de relações que podem ser estabelecidas, seja dentro ou fora da família. Seguindo esta ideia, a criança passa a perceber que há algo de diferente na relação do seu pai com a sua mãe na qual ela não participa.

Rosa (2009, p. 79) acrescenta que “a entrada no estágio edípico tem como pré-requisitos, a conquista da identidade unitária e a integração dos aspectos agressivos e amorosos da instintualidade”. Ou melhor, sendo à criança consideravelmente uma pessoa inteira, a mesma está preparada para experienciar inúmeras questões referentes a relações interpessoais, da qual estimula os seus sentimentos e toda a sua vida instintual.

Para Winnicott (1947) as questões edípicas são apresentadas como uma das fases do processo do amadurecimento, e que assim como as demais necessitam ser pessoalmente vivenciadas para que possa se integrar na vida do indivíduo. Para o autor, dizer que a criança alcançou tal fase é sinal de que experienciou as conquistas das fases antecedentes, conseguindo integrar-se, isto é, constituindo uma identidade unitária. Battagliese (2011, p. 34) retrata que “finalmente, na relação triangular, o ódio pode aparecer livremente, pois o que é odiado é uma pessoa que pode se defender, e que na verdade já é amada; no caso do menino, trata-se do pai, do genitor, do marido da mãe” (BATTAGLIESE, 2011, p. 35). Isto é, o pai traz a ansiedade de castração, produzindo medo e ódio. Porém, por outro lado traz alívio às fantasias que a criança faz em relação a sua sexualidade, para isso a criança precisa contar com a maturidade paterna.

Enfim, pode-se perceber que todo o estudo que Winnicott trouxe sobre os diversos papéis que o pai ocupa dentro do processo de amadurecimento da criança tem como preocupação revelar o quanto o mesmo necessita estar inserido nesta relação mãe-bebê, fazendo manutenção da saúde da criança, assim como de toda a sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundamentação teórica deste artigo possibilitou a investigação e a discussão

das dimensões que a figura paterna toma em relação ao bebê durante o processo de amadurecimento, percebeu-se que junto ao pai sempre estará contida a ideia de ambiente que irá constituir de acordo com cada estágio do desenvolvimento em que a criança perpassar. O ambiente tem um papel essencial no processo de amadurecimento em Winnicott ao dizer que o indivíduo só se integra pela experiência introjetada por um ambiente suficientemente bom, que num primeiro momento é a figura materna, e que conseqüentemente necessita da presença do pai para que seja completa e sustentada. Todo o estudo que Winnicott nos trás sobre os diversos papéis que o pai ocupa dentro do processo de amadurecimento da criança só nos mostra o quanto o mesmo necessita estar inserido nesta relação mãe-bebê, realizando o que é solicitado de acordo com as fases de dependência.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Guanabara. 1978.
- ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (1991). **História da vida privada, 3: Da Renascença ao século das luzes**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.
- BATTAGLIESE, Gustavo Lerner. **Apontamentos sobre a função paterna na teoria de Donald W. Winnicott**. 2011, 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – PUC, São Paulo. Disponível em: <http://www.percepto.com.br/imgs/TCC_gustavo.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2017.
- COUTINHO, F. (1997) **O ambiente facilitador: a mãe suficientemente boa** in PODKAEME, A. B.; GUIMARÃES, M. A. C. Winnicott: 100 anos de um analista criativo. Rio de Janeiro, NAU
- CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. **A Família em Mudanças: Desafios para a Paternidade Contemporânea**. Pensando Famílias, 17(1), 28-40. 2013. Acesso em: 15 jul. 2017.
- FELIPPI, Geisa; ITAQUI, Luciara Gervasio. Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p.105-113, jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- FULGENCIO, Cláudia Dias Rosa. **A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre D. W. Winnicott**. 2007, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC, São Paulo. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15603>>. Acesso em: 5 fev. 2017.
- GALVAN, Gabriela Bruno. Distúrbio psicossomático e amadurecimento. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-17, 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 7 ago. 2015.

GOMES, Isabel Cristina. *O sintoma na criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta, 1998. Acesso: 14 jul. 2017.

MONTEIRO, Mayla Cosmo. **Um coração para dois: a relação mãe-bebe cardiopata**. 2003, 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4350/4350_5.PDF>. Acesso 10 set. de 2015.

NEME, Carmem Maria Bueno et al. **Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de literatura**. Moreira Jr. Editora. p. 162-166. 2007. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=3963&fase=imprime> Acesso em 4 mar. de 2016.

PRIORI, Mary Del. **História de Amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. (2003). **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar.

ROSA, Cláudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 55-96, 2009.

ROSA, Cláudia Dias. **As falhas paternas em Winnicott**. 2011, 215 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica) PUC, São Paulo. Disponível em: <http://btdt.ibict.br/vufind/Record/PSP_7aec7122095a1d7e54df24a4b293e268>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SANTOS, Jonabio Barbosa dos; SANTOS, Morgana Sales Costa. Família Monoparental Brasileira. **Rev. Jur.**, v. 10, n. 92, p. 01-30, Brasília, jan. 2009. Disponível em: <<https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/209/198>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SOUZA, Gabriela Cristina da Silva. **As transformações da família e a função paterna: uma perspectiva winnicottiana**. 2014, 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) FIO, Ourinhos.

SOUZA, Carolina Grespan Pereira; SEI, Máira Bonafé; ARRUDA, Sergio Luiz Saboya. Reflexões sobre a relação mãe-filho e doenças psicossomáticas: Um estudo teórico-clínico sobre psoríase infantil. **Bol. Psicol**, São Paulo, v. 60, n. 132, p. 45-59, jun. 2010.

WAGNER, A. **A família em cena: trama, dramas e transformação**. Ed. Vozes: Petrópolis-RJ, 2002.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria a psicanálise. Obras escolhidas. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional**. (1950-55). Rio de Janeiro. Imago Ed. 2000.

WINNICOTT, D. W. (1987e). **A mãe dedicada comum**. In *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WINNICOTT, D. W. (1982). **A criança e o sexo**. In: D. Winnicott (1982/1964) A criança e seu mundo. (6ª edição, pp. 166-182) Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Trabalho original publicado em 1947a)